

Nação indígena juma pode ser extinta

Os índios jumas se resumem a dois casais de velhos e três crianças.

Eles querem encontrar um homem para reproduzir e dar continuidade à nação

Márcia Valéria

Procura-se um *curumim!*
Motivo: não deixar uma nação morrer.

Vítimas de quatro massacres seguidos, os índios *Juma*, representantes do povo *Tupi-Kawihibi*, se resumem hoje em sete pessoas, sendo dois casais de velhos e três meninas (14, 11 e nove anos). O único homem com capacidade de reprodução — o *Karé* — foi morto por uma onça em dezembro de 1991. Primitivos, os sobreviventes dos massacres possuem, atualmente, 37 mil hectares de terra demarcadas pela Fundação Nacional do Índio (Funai) no rio Açuã, afluente do Purús. No entanto, de nada representa para eles estas terras, rica em Castanha, porque sua nação está em vias de ser extinta.

Resultado de uma das muitas histórias de massacre, a reduzida população foi encontrada pelo indigenista da Funai, Adolpho Kilian Kesselring Júnior, que estará entregando em Brasília, esta semana, o projeto "Os Juma, perspectivas de sobrevivência", que apresenta propostas para este povo não se acabar.

De acordo com Adolpho Kilian, abalados com os constantes massacres e com a morte de *Karé* o ano retrasado, única esperança de dar continuidade a nação, os *Juma* perderam a vontade de continuar lutando pela sua sobrevivência.

Existe, segundo ele, várias alternativas que estão sendo estudadas para dar continuidade a

nação. Uma corrente defende a idéia de introduzir na aldeia um índio do próprio tronco lingüístico, no caso um *Tenharim*, para que este possa esposar *Guari*, de 14 anos. Mas, particularmente, o indigenista é contrário a esta alternativa, uma vez que os *Tenharim* já mantiveram um contato maior com o homem branco e são preocupado com o "capital". Enquanto que, por sua vez, os *Juma* são preocupados apenas com sua sobrevivência. "A introdução de um *Tearini* iria desaculturar os *Juma*", observa.

Para Adolpho, a alternativa mais correta seria encontrar um garoto, filho de caboclo, que aceitasse conviver com os *Juma*, adotando seus costumes e cultura. "Nós não queremos apenas um reprodutor. Queremos um homem que assuma a aldeia", explica, ao informar, que esta proposta é aceita por *Idukar*, 60 anos, líder do grupo e pai de *Guari*. "Os *Juma* mantêm um contato amigável com os ribeirinhos e, nesses contatos, *Idukar* já chegou a pedir um garoto, só que até agora não houve receptividade por parte dos caboclos em razão do preconceito", salienta.

Contudo, mesmo sendo para muitos uma tarefa impossível em razão do costume dos *Juma* de amarrar o saco escrotal do homem, o que com o tempo acaba deformando o órgão e causando esterilidade precoce, o indigenista acredita que este "namoro" vai acontecer naturalmente. A equipe da Funai que ficará na área, estará encarregada de fazer que ocorra esta aproximação das meninas *Juma* com os caboclos e esperar que o "namoro" aconteça. "Nem todos os costumes poderão ser absorvidos".

Adolpho explica, ainda, que sangue não é cultura e, por esta razão, tanto os indigenistas, quanto os *Juma* defendem a introdução de um homem branco na aldeia. O importante é não deixar a nação morrer.



O acampamento é montado próximo ao rio Açuã, afluente do Purus

Funai localiza acampamento

No dia 13 de dezembro de 1991, um grupo composto de oito pessoas formado por indigenistas, sertanista, índios e cinegrafistas partem do porto de São Raimundo, em Manaus, com destino ao Rio Purus, com o objetivo de localizar e dimensionar territórios de grupos isolados, dentro do Projeto de Localização e Assistência dos Grupos Isolados na Área de Influência (PMACI) da Fundação Nacional de Índio (Funai). Durante mais de cinco meses e cerca de três mil quilômetros de vias fluviais percorridas, encontra-se vestígios de índios isolados. O indigenista Adolpho Kilian conta que, com base nas informações obtida junto aos moradores do município de Canutuna, eles chegaram até os *Juma* que haviam estado ali no final do mês de dezembro de 91, buscando socorro para *Kare*, atacado por uma onça.

Com o apoio de um mateiro, foi encontrado o acampamento constituído por tapiris e abrigo de aves. "Vieram ao nosso encontro sete remanescente *Juma* que lamentavam a morte de *Kare*. No segundo encontro, levaram-no até o local onde o índio

morto havia sido enterrado e onde havia sido construída um tapiri que os abrigava. O que mais impressionou foi o número de aves que os acompanhava", lembra.

A partir daí — conta — a equipe iniciou um trabalho para garantir a manutenção e conservação do sistema ali construído, do qual depende a sobrevivência do grupo que já não pode mais se reproduzir e, portanto, necessitavam de uma animação de modo a garantir a vida naquele território.

O indigenista Adolpho Kilian adverte, no relatório do PMACI a ser entregue esta semana em Brasília, que a integridade física dos grupos étnicos isolados dependem da continuidade de trabalhos que venham criar um sistema de proteção e recuperação ambiental através da definição mais precisa da ocupação destas áreas. "Para tanto, é necessário uma adequação das equipes de campo que, ao invés de ações limitadas a simples vigilância, tenham condições de efetivar as ações no âmbito da educação e conscientização das populações regionais", conclui.